

TIMOTHY SNYDER

sobre a tirania

Vinte lições do século XX para o presente

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Timothy Snyder

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original On Tyranny: Twenty Lessons from the Twentieth Century

Capa Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação Alexandre Boide

Revisão Valquíria Della Pozza e Luciane Varela Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Snyder, Timothy

Sobre a tirania: vinte lições tiradas do século xx para o presente / Timothy Snyder; tradução Donaldson M. Garschagen.
— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Título original: On Tyranny: Twenty Lessons from the Twentieth Century
ISBN 978-85-359-2918-8

1. Cultura política – Estados Unidos 2. Democracia – Estados Unidos 3. Despotismo 4. Ética política 5. História moderna – Século 20 I. Título.

17-03639

CDD-321.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos: Século 20: Ciência política

321.9

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialettras

Em política, enganar-se não é desculpa.

LESZEK KOŁAKOWSKI

sumário

Prólogo — História e tirania 11

1. Não obedeça de antemão 17
2. Defenda as instituições 22
3. Cuidado com o Estado de partido único 26
4. Assuma sua responsabilidade
para com o mundo 31
5. Lembre-se da ética profissional 37
6. Cuidado com grupos paramilitares 41
7. Se você tiver que portar armas, reflita 45
8. Destaque-se 49
9. Trate bem a língua 57
10. Acredite na verdade 63
11. Investigue 70

12. Faça contato visual e converse
sobre generalidades 78
13. Pratique a política corpo a corpo 80
14. Preserve sua vida privada 84
15. Contribua para as boas causas 88
16. Aprenda com pessoas de outros países 91
17. Preste atenção a palavras perigosas 95
18. Mantenha a calma quando
o impensável chegar 99
19. Seja patriota 107
20. Seja o mais corajoso possível 111

Epílogo — História e liberdade 113

*Sobre a tirania — Vinte cartazes para enfrentar
os desafios do presente 123*

prólogo

história e tirania

A história não se repete, mas ensina. Enquanto os Pais Fundadores dos Estados Unidos debatiam a Constituição americana, aprendiam com a história que conheciam. Temerosos de que a república democrática que imaginavam ruísse, refletiam sobre o declínio das democracias e repúblicas antigas que degeneraram em oligarquias e impérios. Sabiam que Aristóteles advertira que a desigualdade traz instabilidade, enquanto Platão acreditava que os demagogos tiravam proveito da liberdade de expressão para tomar o poder como tiranos. Ao fundar uma república democrática alicerçada na lei e ao criar um sistema de controle, os Pais Fundadores procuraram evitar o mal que eles chamavam, assim como os antigos filósofos, de tirania.

Tinham em mente a usurpação do poder por uma única pessoa ou um grupo, ou ainda a violação da lei pelos governantes em benefício próprio. Grande parte do debate político posterior nos Estados Unidos girou em torno do problema da tirania na sociedade americana: contra os escravos e as mulheres, por exemplo.

Portanto, recorrer à história quando nossa ordem política parece estar em perigo é uma tradição americana fundamental. Se hoje tememos que o experimento democrático dos Estados Unidos esteja ameaçado de tirania, podemos seguir o exemplo dos Pais Fundadores e acompanhar a história de outras democracias e repúblicas. Temos a vantagem de poder valer-nos de exemplos mais recentes e relevantes do que a Grécia e a Roma da Antiguidade, mas a história da democracia moderna é também uma história de declínio e queda. Desde que as colônias americanas declararam-se independentes de uma monarquia europeia que os Fundadores consideravam “tirânica”, a história da Europa teve três importantes momentos democráticos: depois da Primeira Guerra Mundial, em 1918, depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e depois do fim do comunismo, em 1989.

Muitas democracias fundadas sob essas conjunturas fracassaram, em circunstâncias que, em certos aspectos relevantes, assemelham-se às nossas.

A história tem o poder de familiarizar e também de advertir. No fim do século XIX, bem como no fim do século XX, a expansão do comércio global gerou expectativas de progresso. No começo do século XX, tal como no começo do XXI, essas esperanças foram ameaçadas por novas visões de políticas de massa em que um líder ou um partido afirmavam representar diretamente a vontade do povo. As democracias europeias descambaram para o autoritarismo de direita ou para o fascismo nas décadas de 1920 e 1930. A União Soviética comunista, criada em 1922, levou seu modelo para a Europa na década de 1940. A história europeia do século XX nos mostra que as sociedades podem ruir, que as democracias podem entrar em colapso, que a ética pode ser aniquilada e que os homens comuns podem se ver diante de valas comuns com armas nas mãos. É importante hoje entendermos a razão disso.

Tanto o fascismo como o comunismo foram respostas à globalização: às suas desigualdades reais ou presumidas e à incapacidade das democracias

de resolvê-las. Os fascistas rejeitavam a razão em nome da força de vontade, negando a verdade objetiva em favor de um mito glorioso articulado por líderes que afirmavam ser a voz do povo. Davam um rosto à globalização, argumentando que suas dificuldades complexas eram resultado de uma conspiração contra a nação. Os fascistas governaram durante uma ou duas décadas, o que veio a provocar uma produção intelectual que se torna mais relevante com a passagem do tempo. Os comunistas exerceram o poder durante um período mais longo: de quase sete décadas na União Soviética e mais de quatro décadas em grande parte do Leste Europeu. Propunham o poder de uma elite partidária disciplinada, com o monopólio da razão, que guiaria a sociedade no sentido de um futuro definido, baseado em leis históricas supostamente fixas.

Poderíamos ser tentados a pensar que nossa herança democrática nos protege automaticamente dessas ameaças. É uma ideia equivocada. Nossa própria tradição exige que se examine a história a fim de compreender as fontes mais profundas da tirania e de refletir sobre as respostas apropriadas. Os americanos não são mais sábios do que os eu-

ropeus que viram a democracia dar lugar ao fascismo, ao nazismo ou ao comunismo no século xx. Nossa única vantagem é poder aprender com a experiência deles. E este é um bom momento para isso.

Este livro apresenta vinte lições do século xx adaptadas às atuais circunstâncias.

1. Não obedeça de antemão

A maior parte do poder do autoritarismo é concedida voluntariamente. Em tempos como estes, as pessoas calculam com antecedência o que um governo mais repressivo pode querer, e muitas vezes oferecem sua adesão sem que sejam solicitadas. Um cidadão que procede dessa maneira está ensinando ao poder o que ele pode fazer.

A obediência por antecipação é uma tragédia política. Talvez os governantes a princípio não soubessem que os cidadãos estavam dispostos a abrir mão de determinado valor ou de certo princípio. Talvez um novo regime não tivesse, de início, meios diretos de influenciar os cidadãos de uma maneira ou de outra. Depois das eleições alemãs de 1932, que permitiram a Adolf Hitler formar seu governo, ou das eleições tchecoslovacas de 1946, nas quais os comunistas saíram vitoriosos, a obediência por antecipação foi crucial para o passo seguinte. Como em ambos os casos grande número de pessoas ofereceu seus serviços voluntariamente aos novos poderosos, tanto os nazistas como os comunistas se deram conta de que poderiam agir rapidamente no sentido de impor uma completa mudança de regime. Depois, os primeiros atos precipitados de submissão não podiam mais ser desfeitos.

No começo de 1938, Adolf Hitler, já então firmemente instalado no poder na Alemanha, ameaçava anexar a vizinha Áustria. Quando o chanceler austríaco cedeu, foi a obediência por antecipação dos austríacos que decidiu o destino dos judeus da Áustria. Nazistas austríacos passaram a capturar judeus e a obrigá-los a fazer faxina nas ruas para

remover símbolos de uma Áustria independente. É importante destacar que cidadãos que não eram nazistas assistiam a isso com interesse e achando graça. Os nazistas tinham listas de propriedades de judeus e roubavam o que podiam. Mas outros, que não eram nazistas, também aderiram à pilhagem. Como recordou a ensaísta política Hannah Arendt: “quando tropas alemãs invadiram o país e góis passaram a atacar residências de famílias judias, judeus austríacos começaram a se suicidar”.

A obediência por antecipação dos austríacos, em março de 1938, mostrou à alta cúpula nazista o que seria possível. Foi em Viena, em agosto daquele ano, que Adolf Eichmann criou o Escritório Central de Emigração Judaica. Em novembro de 1938, seguindo o exemplo austríaco de março, os nazistas alemães organizaram o pogrom nacional conhecido como *Kristallnacht*, ou Noite dos Cristais.

Em 1941, quando a Alemanha invadiu a União Soviética, a SS tomou a iniciativa de formular os métodos de massacre em massa mesmo sem ordens nesse sentido. Presumiram o que seus superiores queriam e demonstraram o que era possível. Foi muito mais do que Hitler havia imaginado.

Em seus primeiros momentos, a obediência por

antecipação se limita a uma adaptação instintiva, sem reflexão, à nova situação. Somente os alemães procedem dessa maneira? Analisando as atrocidades nazistas, o psicólogo americano Stanley Milgram quis mostrar que uma certa inclinação autoritária explica a razão pela qual os alemães tinham se comportado daquela forma. Milgram imaginou um experimento destinado a testá-lo, mas não conseguiu permissão para realizá-lo na Alemanha. Por isso concretizou a ideia num prédio da Universidade Yale, em 1961, o mesmo ano em que Adolf Eichmann foi julgado em Jerusalém por seu papel no Holocausto de judeus durante o nazismo.

Milgram disse aos participantes do experimento (estudantes de Yale e moradores de New Haven) que poderiam aplicar choques elétricos em outros integrantes num experimento sobre aprendizagem. Na verdade, as pessoas ligadas aos fios do outro lado de uma janela eram parte do esquema criado por Milgram, e só fingiam estar sendo submetidas a choques. Enquanto supostamente torturavam outras pessoas num experimento de aprendizagem, os participantes se viram diante de cenas horríveis. Pessoas que não conheciam e contra as quais não tinham nenhuma queixa pareciam estar

sofrendo horrivelmente, socando o vidro da janela e reclamando de dores cardíacas. Ainda assim, a maioria seguiu as instruções de Milgram e continuou a aplicar o que pareciam ser choques cada vez mais fortes, até as vítimas darem sinais de terem morrido. Mesmo aqueles que não foram até o fim, interrompendo os choques antes da morte (aparente) de outros seres humanos, foram embora sem perguntar sobre o estado dos demais.

Milgram concluiu que as pessoas são particularmente receptivas a novas regras num ambiente novo. De forma surpreendente, mostram-se dispostas a maltratar e a matar outras pessoas a serviço de algum propósito novo se assim forem instruídas por uma nova autoridade. “Encontrei tanta obediência”, lembrou Milgram, “que não vi necessidade de levar o experimento à Alemanha.”

2. Defenda as instituições

São as instituições que nos ajudam a preservar a decência. Elas também precisam de nossa ajuda. Não se refira às “nossas instituições”, a não ser que você as torne realmente suas por atuar em benefício delas. As instituições não se protegem sozinhas. Desmoronam uma depois de outra se cada uma delas não for defendida desde o início. Por isso, escolha uma instituição que você aprecia — um tribunal, um jornal, uma lei, um sindicato — e aja em seu favor.

Temos uma tendência de imaginar que as instituições são capazes de se proteger de forma automática até dos ataques mais diretos. Foi exatamente esse o erro cometido por alguns judeus alemães depois que Hitler e os nazistas assumiram o governo. Em 2 de fevereiro de 1933, por exemplo, um dos principais jornais dos judeus alemães publicou um editorial que expressava essa confiança equivocada:

Não concordamos com a opinião segundo a qual Herr Hitler e seus amigos, que agora conquistaram, finalmente, o poder que por tanto tempo desejaram, vão pôr em prática as propostas que circulam em [jornais nazistas]; eles não privarão, de repente, os judeus alemães de seus direitos constitucionais, não os juntarão em guetos, nem os submeterão aos impulsos invejosos e homicidas da multidão. Não podem agir assim porque diversos fatores cruciais impõem restrições aos que detêm o poder [...] e eles claramente não desejam seguir por esse caminho. Quando se age como uma potência europeia, toda a atmosfera tende para uma reflexão ética que apela ao lado bom das pessoas e impede que se retorne à postura assumida anteriormente, quando na oposição.

Esse era o posicionamento de muitas pessoas sensatas em 1933, e é o posicionamento de muitas pessoas sensatas hoje. O erro está em presumir que os governantes que chegaram ao poder por meio das instituições não possam mudar ou destruir essas mesmas instituições — mesmo no caso daqueles que anunciaram que fariam exatamente isso. Os revolucionários na verdade algumas vezes desejam destruir as instituições no mesmo instante. Foi essa a postura dos bolcheviques russos. Às vezes as instituições perdem a vitalidade e a função, são transformadas em simulacros do que foram um dia, passando a fortalecer a nova ordem, em vez de atuarem como um foco de resistência. Foi isso que os nazistas chamaram de *Gleichschaltung*.

Menos de um ano foi necessário para que a nova ordem nazista se consolidasse. No final de 1933, a Alemanha tinha se tornado um Estado de partido único, no qual todas as principais instituições estavam subjugadas. Em novembro daquele ano, as autoridades alemãs realizaram eleições parlamentares (sem oposição) e um referendo (sobre uma questão para a qual todos conheciam a resposta “correta”) para confirmar a nova ordem. Alguns judeus alemães votaram como os líderes

nazistas desejavam que votassem, na esperança de que esse gesto de lealdade os aproximasse do novo governo. Vã esperança!